



DIPLOMACIA / Na abertura da Cúpula de Chanceleres do G20, no Rio de Janeiro, Mauro Vieira critica a “inaceitável paralisação” do Conselho de Segurança da ONU em relação a conflitos armados e volta a defender uma reforma na governança global



Vieira na reunião com chanceleres, na Marina da Glória: “O Brasil não aceita um mundo em que as diferenças são resolvidas pelo uso da força militar”

“Inação implica perdas de vidas inocentes”

» ALINE BRITO

O ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, reiterou a defesa, feita pelo Brasil, de uma reforma da governança global e criticou a atuação da Organização das Nações Unidas (ONU) em relação à resolução de conflitos armados, em especial, os envolvendo Rússia e Ucrânia e no Oriente Médio.

“As instituições multilaterais do mundo não estão preparadas para lidar com os desafios atuais, como demonstrado pela inaceitável paralisação do Conselho de Segurança (da ONU) em relação aos conflitos em curso. Esse estado de inação implica diretamente em perda de vidas inocentes”, enfatizou, na abertura da Cúpula de Chanceleres do G20, ontem, no Rio de Janeiro.

Segundo ele, “o Brasil não aceita um mundo em que as diferenças são resolvidas pelo uso da força militar”. E apelou por cooperação e diálogo. “Uma parcela muito significativa do mundo fez uma opção pela paz e não aceita ser envolvida em conflitos impulsionados por nações estrangeiras. O Brasil rejeita a busca de hegemônias, antigas ou novas. Não é do nosso interesse viver em um mundo fraturado.”

Vieira destacou que, segundo estimativas, o mundo atingiu um número recorde de conflitos em andamento, acima de 170, “enquanto as tensões geopolíticas também estão aumentando”.

Ante esse cenário, de acordo com Vieira, o G20 — grupo que reúne as maiores economias do mundo — tem prerrogativa para tratar dos conflitos. Lembrou que as Nações Unidas foram criadas como a organização que deve lidar com as questões de paz e segurança. “O G20, por sua vez, foi concebido como fórum privilegiado para discussões sobre questões financeiras e de desenvolvimento”, ressaltou. “Diante do quadro que vivemos, no entanto, esse grupo (G20) é hoje, possivelmente, o fórum internacional mais importante, onde países com visões opostas ainda conseguem se sentar à mesa e terem conversas produtivas sem, necessariamente, carregar o peso de posições rígidas que têm impedido os avanços em outros fóruns, como no Conselho de Segurança das Nações Unidas”, avaliou.

O chanceler frisou que, enquanto o norte está unido em torno de uma aliança militar, o sul é coberto por diversas camadas e zonas de paz e cooperação. “Os casos bem-sucedidos

O discurso

Veja trechos do que disse Mauro Vieira no G20:

» “As instituições multilaterais, contudo, não estão devidamente equipadas para lidar com os desafios atuais, como demonstrado pela inaceitável paralisação do Conselho de Segurança em relação aos conflitos em curso. Esse estado de inação implica diretamente perdas de vidas inocentes.”

» “O Brasil não aceita um mundo em que as diferenças são resolvidas pelo uso da força militar. Uma parcela muito significativa do mundo fez uma opção pela paz e não aceita ser envolvida em conflitos impulsionados por nações estrangeiras. O Brasil rejeita a busca de hegemônias, antigas ou novas. Não é do nosso interesse viver em um mundo fraturado.”

» “Os casos bem-sucedidos de cooperação pacífica da América Latina, África, Sudeste Asiático e Oceania fazem com que as vozes dessas regiões devam ser ouvidas nos foros relevantes com especial cuidado e atenção.”

» “Sem paz e cooperação, será extremamente difícil alcançarmos a prometida mobilização em larga escala dos recursos necessários para enfrentar

as ameaças existenciais que enfrentamos, em particular o combate à pobreza e à desigualdade e a proteção do meio ambiente.”

» “Não é minimamente razoável que o mundo ultrapasse — e muito — a marca de US\$ 2 trilhões em gastos militares a cada ano. A título de comparação, os programas de ajuda da Assistência Oficial ao Desenvolvimento permanecem estagnados em torno de US\$ 60 bilhões por ano — menos de 3% dos gastos militares. Os desembolsos para combater mudanças climáticas, sob o amparo do Acordo de Paris, mal conseguem alcançar os compromissos de US\$ 100 bilhões por ano, portanto menos de 5% dos gastos militares. Se a desigualdade e mudanças climáticas de fato constituem ameaças existenciais, não consigo evitar a sensação de que nos faltam ações concretas sobre tais questões.”

» “Não podemos ignorar o fato de que a governança global precisa de profunda reformulação. Nossas diferenças devem ser resolvidas ao amparo do multilateralismo e das Nações Unidas, utilizando como métodos o diálogo e a cooperação, e nunca por meio de conflitos armados.”

de cooperação pacífica da América Latina, da África, do Sudeste Asiático e da Oceania fazem com que as vozes dessas regiões devam ser ouvidas nos foros relevantes com especial cuidado

e atenção”, pontuou.

Ele disse não ser minimamente razoável que o mundo ultrapasse, e muito, a marca de US\$ 2 trilhões em gastos militares a cada ano.

Fome

O ministro abriu a reunião pedindo aos chanceleres que trabalhem, nos próximos meses, por uma aliança global contra a

fome e a pobreza, temas prioritários para o Brasil à frente da presidência do G20.

“Se a desigualdade e as mudanças climáticas, de fato, constituem ameaças existenciais, não consigo evitar a sensação de que nos faltam ações concretas sobre tais questões. Temos problemas urgentes a resolver no tocante ao desenvolvimento, à luta contra a fome, a pobreza e a desigualdade”, enumerou. “Temos desafios gigantescos em relação às mudanças climáticas e ao meio ambiente. Essas são as guerras que devemos travar em 2024”, alfinetou.

A reunião de ontem com os chanceleres é uma preparação para a cúpula do G20, o encontro dos chefes de Estado das maiores economias do planeta, que ocorrerá em novembro, também no Rio de Janeiro.

O Brasil assumiu em dezembro a presidência rotativa do bloco e, até o evento principal entre as nações, conduzirá dezenas de encontros na cidade carioca, com o objetivo de organizar a cúpula e antecipar temas que serão discutidos em novembro.

O encontro teve a presença do secretário de Estado dos Estados Unidos, Antony Blinken; do ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov; além dos representantes de China e de países europeus.

Mauro Pimentel/AFP



O chanceler russo, Sergei Lavrov, deve se reunir hoje com Lula

Ausências e controvérsias na cúpula

O encontro de ministros das Relações Exteriores do G20 reúne autoridades de 28 países e 15 organizações internacionais, entre elas, a União Africana e a União Europeia, no Rio. Eles chegaram à Marina da Glória sob forte esquema de segurança, com batedores da Polícia Rodoviária Federal e sobrevoos de helicópteros.

A reunião discute a guerra entre Israel e o grupo terrorista Hamas, na Faixa de Gaza, e entre a Rússia e a Ucrânia, no Leste Europeu. Por causa da divisão que marca as controvérsias entre potências, o governo brasileiro busca formas de concentrar

as discussões na realização da Cúpula de Líderes, a ser realizada em novembro. Nesse sentido, o Itamaraty quer evitar impasses e desistiu de tentar elaborar uma declaração consensual subscrita pelos ministros e representantes dos países.

O encontro de dois dias terá enviados das principais potências do mundo, mas nem todos os chanceleres vieram. Quatro países não enviaram chanceleres: China, Índia, Itália e Austrália. Dos cinco membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas, somente a China decidiu enviar um representante de menor escalão, Wang Yi, chanceler

chinês, que visitou o Brasil em janeiro. Estados Unidos, Rússia, Reino Unido e França despacharam ao Rio seus ministros de Relações Exteriores.

Atualmente, o G20 representa 85% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, mais de 75% do comércio mundial e cerca de dois terços da população mundial.

Rússia

A cúpula no Rio reúne o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, e o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov. Contudo, um encontro entre ambos

é pouco provável. Hoje, Lavrov se reunirá com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em Brasília. Ontem, na visita que fez ao chefe do Executivo, Blinken disse que Washington “não vê condições” para uma mediação diplomática no conflito da Rússia contra a Ucrânia.

As tensões entre o Ocidente e a Rússia se acentuaram após a morte na prisão do opositor Alexei Navalny, anunciada na sexta-feira. Os países do Ocidente responsabilizaram o governo Putin pelo falecimento, e os Estados Unidos anunciaram que adotariam um “importante pacote de sanções” contra Moscou.